

## Um Novo Mistério

Caio Porfírio Carneiro

Artur Eduardo Benevides, Presidente da Academia Cearense de Letras, poeta notável, autor de uma vasta obra, sempre ascendente em qualidade, desde a sua estréia, em 1944, com **Navio da noite**, que o consagrou, meritoriamente, entre os maiores nomes da moderna poesia brasileira, publicou, em 1958, o livro de contos **Caminho sem horizonte**, sobre o qual rabisquei uma nota falando dos méritos do poeta ao lidar com o gênero *conto*.

Foi sempre um excelente narrador. Sua prosa nos ensaios (**O Santo Graal e a literatura fantástica da Idade Média**), ou em quaisquer outros textos de não ficção, é espontânea, viva, cristalina, elegante, escorreita, sem qualquer lesão estilística, qualidades que prendem de pronto o leitor, qualquer leitor.

Nunca fiz, a não ser através de cartas ligeiras, maior comentário sobre a sua obra poética. E eu gosto de comentar poesia, porque me julgo um poeta frustrado. Falei sempre aos amigos: "O que vou dizer de Artur Eduardo Benevides, se em todo o Brasil, através de seus melhores críticos, já disseram tudo sobre a sua respeitável obra?" Mas, no fundo, talvez por espírito de contradição, eu achava que não, que não disseram tudo. Ninguém se debruçou detidamente, que eu saiba, sobre os sutis liames românticos das suas criações, só encontráveis na poesia dele, personalísimos, que as afastam das conhecidas espiralações líricas e as conduzem a uma surpreendente levitação romântica, tênue e esgarçada, e, inversamente, profundamente filosófica, de inesperadas surpresas, que dão alma e sopram vida até numa pedra no seu silêncio de pedra.

Mas eis que o poeta, depois de tantos anos, retorna à prosa de ficção com **A revolta do computador e outros contos de mistério**. Eu sabia do seu fascínio por esse gênero literário, desde quando li **O Santo Graal**. Esperava que fosse um bom livro, mas que não fosse uma surpresa, como é. São dezesseis contos onde se mesclam o fantástico, o mágico, a surpresa, a ficção científica, até

momentos alegóricos, tudo convergindo para o mistério. O autor faz uma espécie de balanceio de todas as tendências, valendo-se de um narrador-personagem. Como linguagem flui em grande “calma” e leveza de trato, tem-se a impressão imediata e enganosa de que os contos abrem muito o visor, em andamento de novela, esse gênero médio de ficção escorregadio, sem parâmetros entre o conto e o romance. E as histórias fluem também enganosamente em meios-tons, do começo ao fim. Pois é aqui onde exsurgem, com toda a sua potencialidade, os mistérios e os sustos; pois é aqui nessa “conversa ao pé do fogo”, onde as sombras se adensam e levam o leitor, pendularmente, da curiosidade à perplexidade. O autor faz ainda, talvez inconscientemente – o que é próprio da boa ficção –, um jogo psicológico notável, particularmente nos diálogos, aprofundando o mistério dentro do tema narrado. As histórias, todas elas curtas, terminam sempre dentro da linha checoviana, livres de conclusões e pontos finais. Fica algo de misterioso e fantástico no ar, para além de cada uma delas.

O conto **A revolta do computador** é, sem dúvida, o melhor do livro, particularmente pelo final alucinante e... explosivo. E como em qualquer livro do gênero há os outros contos preferidos para quem os lê, destaque: **Depoimento sigiloso, A senhora de azul com cabelos grisalhos, Tia Heliadora ou o clarão da súbita bondade, A serpente enciumada, As carruagens do sem-fim** (uma verdadeira magia alegórica, quase ciranda espelhada em várias faces), além do trabalho que dá título ao livro. Todos, porém, estão em excelente nível de criação.

Merece referência especial o conto **A boa velhinha**, porque aborda tema muito conhecido, dos tempos das “casas mal-assombradas”: alguém que já morreu e continua “viva” no lar. Um perigo abordá-lo, dada a facilidade de se cair no cediço. Mas o que sustenta um bom livro de contos são os contrapontos assim, ao lado dos que vêm com achados criadores. Artur Eduardo Benevides transforma este trabalho numa simples história bem conduzida, realista, e transfere para o personagem narrador e suas inquietações a grande carga do “mistério”. Consegue, com isto, pelo lado psicológico, inovar o que, num mínimo deslize narrativo, banalizaria a criação.

Esse fio psicológico, já citado, que desnorteia o leitor, ao correr dos contos, vem mais da sensibilidade do poeta, que tudo vê para além das aparências, ampliando o sopro forte de mistério nos próprios mistérios.

Não é fácil escrever contos desse gênero. Há vários deles por aí sem "alma", porque o mistério, tal como o jogo de xadrez (e já afirmei isto em outras ocasiões), põe-se em eterno tempo de espera. Se o autor não souber captá-lo, o mistério é quem o engole por inteiro.

A boa arte literária é mesmo um grande mistério. Este livro é mais um deles, dentro da consagrada obra de Artur Eduardo Benevides.